

ALGUMAS IMPRESSÕES, INQUIETAÇÕES E ESPERANÇAS EM TIMOR LESTE.

*Arilson Lima da Silva**

*Estudante do 4º. ano
de Teologia – ITESP

Resumo:

Em linhas gerais, o autor apresenta a situação da vida do povo de Timor Leste, um país em construção. Alguns elementos da cultura, da religiosidade e da vida política são apresentados como uma espécie de pano de fundo para se compreender os desafios ingentes que estão à frente em sua vida.

Palavras-chave: Timor Leste: história; Timor Leste: sociedade; Timor Leste: religião.

Abstract:

From a eye-bird vision, Lima da Silva builds up a broad design of people's life in East Timor, a country still under construction. Some elements of its culture, religiosity and political life receive a special attention and make up a kind of background useful in order to understand the huge challenges that are certainly at place in the time coming.

Key Words: East Timor: history; East Timor: society; East Timor: religion

Quando se é falastrão e preciso fechar a boca e abrir mente, olhos e coração.

Quando se é sabichão e preciso fechar boca e abrir ouvidos, olhos e sentimentos.

Como a vida pode ser transbordante com tão pouco? Como pode o mar se esconder em pequenas gotas que evaporam em poucos instantes? Essa é a impressão que tive vivendo no Timor Leste. Talvez minhas experiências tenham mutilado meus sentimentos, visão e consciência. Lembro-me de um samba de D. Ivone Lara: *Alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho*, eu nem sempre sou obediente, às vezes sou arrastado por sentimentos, pela razão, pelas circunstâncias e também por

meus instintos e intuições, me dou conta, que pulsa um coração demasiadamente humano. Talvez um dia aprenda e encontre a assinatura do Criador no desespero de tantos deprimidos, analfabetos, desgraçados da guerra, doentes terminais, na magra gente cuspidando sangue, nos que acendem vela pra não passar fome, em gente sem noção da realidade complexa que o país está passando, mas sonhando com um futuro melhor e sorrindo porque o desespero de nada adianta, ou porque a fé e a esperança não enganam.

Então, perdido em meus pensamentos e ansioso qual Marco Polo em busca de conhecimentos e de desvendar os mistérios dos povos e culturas, busquei mergulhar naquelas culturas, que por não conhecer me senti um estúpido e qual criança, pois não sabia falar, não sabia rezar nas línguas locais, elevei então, meu olhar para a Virgem dos desventurados tão amada pelo sofrido povo maubere, pedi auxílio, proteção, paciência, coragem e entendimento.

Atravessar os ares, os mares, o tempo, aprender línguas, identificar elementos da cultura às vezes é mais fácil que se possa imaginar, porém, desvendar os insondáveis mistérios da alma de um povo espoliado pela guerra, dominado com atrocidades mil é uma grande graça, uma bem aventurança: *Felizes os pobres, pois verão a Deus*. Confesso, queria ser mais que um pensador e poeta que um olhar atento.

Não pretendo fazer uma análise profunda do que está acontecendo no Timor Leste, minha intensão ao escrever este ensaio, é apresentar os lampejos que percebi naquele tempo que vivi, tempo de encanto e surpresas, diante da novidade que se descortinava aos meus olhos, pelo contato pessoal nas comunidades, pelas muitas leituras de obras sobre a cultura e a realidade timorense, e que agora transcrevo. Minhas impressões, inquietações e esperanças tem o seguinte percuso: desde a constatação da pobreza à busca de um lugar para uma esperança.

Quando cheguei às terras timorenses, uma das mais novas nação do mundo. Está encravada entre Indonésia, Malásia, Austrália e Papua Nova Guiné. O Timor Leste atrai para si uma multidão de estrangeiros, que com as mais diversas intensões chegam por lá, quer seja para trabalhar, colonizar, proteger, evangelizar, passear ou mesmo ajudar no processo de reconstrução. Visto que o dólar americano é a moeda do país e quase tudo precisa ser importado.

1. Situação de Pobreza e infraestrutura básicas no Timor Leste.

O primeiro impacto foi o alto índice de pobreza, salários baixos US\$85,00 dólares é o valor do salário mínimo pago aos professores e demais funcionários e de US\$150,00 a professores com nível superior; desemprego em alta, alto custo de vida, índices de analfabetismo estratosféricos, problemas de saúde, e a estes somam-se a falta de saneamento básico, esgoto a céu aberto, falta de água e energia, coleta de lixo seletiva e hábitos culturais que facilitam a infecção e a proliferação de muitas doenças.¹

Uma das características geográficas do Timor é que é um país montanhoso com duas estações climáticas anuais: a estação da chuvas de dezembro a abril em que os rios ficam cheios e as montanhas ficam verdes e as terras timorenses mostram toda sua exuberância, então planta-se o milho, mandioca, inhame, arroz e verduras em geral. E a estação seca, de maio a novembro em que os rios e montanhas ficam secos e as terras timorenses se cobrem de uma camada espessa de poeira, como se tivesse sofrido uma erupção vulcânica; o calor úmido e sufocante presente em todos os dias do ano provoca uma sensação de mal estar. Cultiva-se durante todos os períodos hortaliças que são vendidas nas ruas e nas margens das estradas pelos ambulantes; as frutas que mais se produzem são banana e manga, outras são importadas da Indonésia ou Austrália, portanto muito caras. Outras fontes da economia são o petróleo, o café, o pescado e a criação de pequenos rebanhos de caprinos e bovinos. Assim a cultura da subsistência é predominante em todo o país.²

Devido à escassez de alimentos o povo é muito magro e subnutrido; para enganar a fome homens, mulheres e crianças mascam folha de fumo – tafi – uma semente parecido com um pequeno coco que libera uma tinta vermelha e amarga e junto a esta substância eles consomem a cal retirado de rochas marinhas. Essa substância inibe a fome e as pessoas entram em um semitranso.

Entretanto, a cal e a tinta da semente escurecem os dentes e criam caries apodrecendo os dentes; criam-se feridas na boca, na língua e garganta. Portanto, câncer de boca, garganta e estômago são comuns além de dor de dente, malária, hanseníase, diarreias, dengue, hepatites, inclusive a B e C. Diariamente nas ruas, feiras, mercados e lojas veem-se *mulheres e homens* mascarando essas sementes e cuspiendo vermelho para todos os lados,

¹ Cf. M. CARLI, Timor Leste: uma Igreja pela dignidade e liberdade. *MISSÕES*, 2012, 39 (5).

² *Timor Leste District Atlas: Profiling Districts of Timor Leste. Second Version*, August 2008.

é algo nojento e desagradável de ver e de sentir o odor. Poucas medidas de concientização são feitas, devido outras carências que se fazem urgentes e precisam ser assumidos em caráter prioritário.

Segundo último censo a população timorense é de 1.066.000 numa área de 19.000 km², contando todos os que estavam presentes turistas, funcionários internacionais e migrantes.

2. Diversidade Cultural: Grupos locais, a chegada, encontro e impacto com os estrangeiros.

O Timor Leste é formado por treze subdivisões territoriais às quais eles denominam de *districts*, (Oe-cusse, Liquiça, Maliana, Dili, Aileu, Lospalos, Baucau, Mananatuto, Same, Ainaro, Lautem, Suai, Viqueque), com muitos grupos étnicos, fala-se no Timor mais de de 12 dialetos, (kawaimina, kemak, bekais, baikenu, idalaka, fataluku, makuva, tokodede...) além do Português, Tetum-praça falado na cidade de Dili, o Inglês e o Bahasa indonésio. Portanto, para cada grupo étnico uma cosmovisão distinta e que diante do grande número de estrangeiros, os *malaios*, como são chamados, e decisões políticas e econômicas tem sofrido rápidas e profundas transformações.³

Toda diversidade cultural que resistiu por longos anos sob a dominação política e econômica portuguesa, que por 450 anos não interferiu impondo sua cultura, e depois a dominação da Indonésia que por 24 anos impôs a língua e forçou uma prática religiosa, a qual os timorenses podiam escolher entre catolicismo, protestantismo e islamismo. Aqui vale fazer uma ressalva, que a religião animista e a religião católica que hoje é preeminente é algo paradoxal, por um lado garante unidade, por outro há práticas extremamente distintas que vistas de fora são complexas e dificulta um desenvolvimento integrado nas forças de reconstrução do país. A este aspecto vou dedicar uma reflexão maior neste ensaio.

Há inúmeras ONGs, grupos, organismos de muitos países ajudando no processo de reconstrução. Há também as forças do exército internacional da ONU e muitos aventureiros e oportunistas buscando tirar vantagem de toda essa realidade. E como na vida *tudo é relação*, a corrida desenvolvimentista, a implementação de políticas econômicas e sociais dos grupos estrangeiros que estão investindo, trabalhando, evangelizando a sociedade timorense traz em seu bojo mudanças rápidas e avassaladoras, que a juventude abraça com veracidade. Daqui brotam a

³ Cf. L. THOMAZ – R. R. FILIPE, *Babel Loro sa'e: O problema Linguístico de Timor Leste*. Lisboa: I. Camões, 2001.

crescente a prostituição, o aumento de AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, além da miscigenação e diluição da identidade cultural.

Há no Timor Leste embaixadas de muitos países, que fomentam questões políticas e educacionais, também estão os soldados do exército internacional, turistas de vários países, além dos muitos chineses que dominam o comércio e a pequena indústria.

3. Religiosidade: O catolicismo de devoção e respeito e um enfoque sobre o culto da morte, expressões e práticas animistas.

As mudanças rápida nos hábitos têm causado grande preocupação para membros da Igreja Católica, que sempre viveu como uma grande senhora feudal, e que os timorenses têm grande respeito e devoção; chegam até submeter-se a um sistema de semi-escravidão, contou-me uma freira que por aqui padres, freiras e religiosos chegavam a bater nas pessoas que não obedeciam e isto era visto como algo comum até pouco tempo atrás. O que agora é deixado de lado pela juventude que experimenta outras possibilidades, inclusive a indiferença religiosa.

Segundo estudos, até em 1974 antes da dominação da Indonésia, a religião Católica tinha em media 27%, os demais praticavam suas religiões tribais, práticas animistas com forte centralidade na morte e nos espíritos que vagam nas montanhas e florestas. A devoção aos mortos é tão forte que em muitas residências, as famílias tem algum de seus familiares enterrado nos quintais das casas, e a cada dia tem um momento para visitar e reverenciar o falecido trazendo-lhes oferendas de flores, velas, preces. O luto é muito forte e tem práticas consolidadas, inclusive com festa para tirá-lo (encerrá-lo).⁴

O temor e o respeito aos mortos é tão forte que permanece na prática de padres e religiosos nativos. É ao mesmo tempo um grande desafio pastoral e também um portal que pode indicar rumos para evangelização em Timor Leste. Descrevo um fato que ocorreu um dia após minha chegada:

Morreu a mãe de uma religiosa timorense. Esta religiosa viveu no Brasil e teve o seu processo de formação na Indonésia que durou em torno de nove anos, e mesmo após esses longos anos de formação cristã católica, a religiosa não permitiu que sua mãe fosse enterrada no cemitério; seguiu os rituais da sua cultura, mesmo que o desejo dos outros irmãos fossem con-

⁴ Cf. J. FELGUEIRA. *Nossas Memórias de vida em Timor*. Braga: A. O., 2006.

trários, e por incrível que pareça, ela foi quem mais manifestou os traços de sua tradição cultural. Esse é apenas um de muitos outros fatos acontecidos que vi e ouvi. Afirmam missionários e leigos que trabalhavam nas montanhas que ali tais experiências ainda são mais fortes. E com o passar do tempo percebi nos cultos aos mortos e nos muitos funerais de que participei o quanto isso é forte e predominante. Posso afirmar por experiência e leitura que é o culto aos mortos que dá sentido a vida de muitos grupos e aldeias.

4. Projetos de reconstrução: a herança portuguesa, a repressão e o massacre, resquícios da dominação indonésiana, e por fim, o progresso e desenvolvimento a metanóia globalizante.

O Timor celebrou 10 anos do *referendum* que garantiu a independência da Indonésia em 30 de agosto de 2010, após dura dominação e massacres. O processo de reconstrução ainda era instável, em 2006, e aconteceu num clima de instabilidade e ainda permanece a herança burocrática, corrupta e autoritária dos portugueses e indonésios e parece que está ainda longe de se extinguir. Em nome da reconstrução e em nome da pobreza que se encontra o país cobra-se taxas de tudo inclusive atestados médicos fornecidos pelo hospital público; os estrangeiros são vítimas fáceis e perfeitas da corrupção que tem lugar privilegiado em todo o processo, por parte dos parlamentares e membros do governo, noticiam os jornais locais.

As taxas, a grande burocracia e a não consolidação da unidade nacional favorecem a corrupção. O longo período de dominação e despreparo das lideranças distritais para as atuais demandas políticas, econômicas e sociais colocam o Timor Leste num labirinto de Fausto, agora não mais isolado do pseudo progresso. Há brigas tribais para assumir o poder que antes eram reservados ao *Liurais*, reis locais que governavam as aldeias. Agora são escolhidos por votos ou nomeados como privilégios por terem participado da guerrilha no tempo da ocupação indonésia.

Os timorenses experimentaram apenas um modelo de governo político, o da dominação autoritária, a do servo e patrão. Os portugueses que com indiferença às suas culturas, foram incapazes de formar e capacitar os nativos, onde apenas os filhos das famílias portuguesas e famílias ricas do Timor Leste tinham condições de estudar, e este modelo político e social se estendia à religião que vivia no sistema de padroado. O governo indonésio trouxe algu-

mas modificações, mas a violência foi terrível. A grande maioria da população como é de praxe nos regimes autoritários vivia às margens dos benefícios. Em 1974, por ocasião da dominação da Indonésia 95% da população era analfabeta. Aqui vale o adágio popular: *quem pode, pode; quem não pode se sacode*.

As práticas animistas e os muitos pobres estavam fadados ao anonimato e ao extermínio se não fosse a ação profética de D. Belo, prelado de Dili, no período da ocupação indonésia, Xanana Gusmão, Ramos Horta e outras poucas lideranças que em nível nacional e internacional moveram céus e terras na luta pela liberdade do povo maubere. Quem ouvia falar de Timor Leste no mundo antes de 1999? Ou antes do massacre de Santa Cruz em 1996? Nas conversas que tive com alguns timorenses eles nada sabiam da Indonésia, de sua língua, sua religião, da sua cultura antes da dominação que os massacrrou por 24 anos e portanto, é o país vizinho.

O novo paradigma de governo traz um novo paradigma cultural que requer mudanças estruturais, exige mão de obra, conhecimentos científicos, exige formação e capacitação humana, econômica e política, além de uma compreensão nova da própria cultura e da religião.

Mesmo que ainda muito careça ser feito nas questões básicas de infraestrutura e que aos poucos está sendo feito, (pavimentação de ruas, construções de escolas, igrejas, presídio...), há também um progressivo esforço de ensinar a língua portuguesa e inglesa nas escolas e centros de formação e também técnicas de informática e formação profissional, entretanto, nos aspectos humanos as deficiências são maiores e por conseguinte, as consequências se evidenciam. Há vinte anos atrás, Timor Leste estava condenado ao anonimato, hoje esta conectado a rede de Internet, rádios e televisão que o coloca em sintonia com o que há de mais moderno no mundo, além dos milhares de estrangeiros que aqui circulam trazendo sua maneira de viver e pensar, e com isso os nativos têm acesso a outros modos de compreensão da vida, e da própria cultura, e assim são despertados os desejos de consumo, desejo de ser diferente e superar a baixa autoestima que foi forjada ao longo da dominação e que agora pode ser compensada pelo que se usa e fala. O desejo de ser igual aos *malaes* no modo de viver, faz parte do ideal de vida dos timorenses em especial da juventude e crianças.⁵

Há alguns paradoxos, devido ao longo período de dominação, muitos olham os estrangeiros com desconfiança, mas ao

⁵ Cf. R. de SOUZA FREITAS, *Fala Brasil! Fala Timor! Arte e Cultura unem nações*. Dili: Embaixada do Brasil. 2010.

mesmo com fascínio. Eles (*malaes*) trazem dinheiro, tecnologia, hábitos de consumo, práticas diferentes que nos 450 anos de dominação portuguesa e nos 24 de dominação indonésia nunca foram vistos no Timor. A circunscrição territorial de Dili e a capital do país há 5 anos atrás tinham 50 mil habitantes hoje têm mais de 200 mil, ou seja concentram grande parte da população do país que chega um pouco mais de um milhão. Todavia as obras de infraestrutura que estão sendo realizadas são lentas e devido à guerra que muito destruiu, e agora para ser construído carece de tempo, dinheiro e vontade política. Esgotos a céu aberto, transporte público precário, falta de água, energia, coleta de lixo são problemas sérios no Timor, sem falar das doenças tropicais, (malária, dengue, hepatite) que assolam o país.

Na minha intuição a partir de uma visão panorâmica e incipiente, a população timorense está prestes a enfrentar talvez o maior de todos os seus problemas, viver a liberdade: *o homem esta condenado a ser livre*. Assumir e exercer a liberdade que não é dada mas conquistada e tem seu preço. Os regimes totalitários (castigos, pecado) vivido criou uma prática de subsistência e complacência solidificada pela religião e pela política. A liberdade vivida no Timor Leste com grande euforia, com a compreensão de que tudo é permitido, tudo pode, tudo se quer, tudo se consegue. Tal postura adolescente traz inúmeras consequências: prostituição, AIDS, populações nas ruas, alcoolismo, violência. Visitei Becora, (presídio) e a população carcerária só tem aumentado apesar da ação da polícia e dos esforços do governo de contê-la.

O processo de independência tem produzido uma avalanche de novidades e perspectivas. As benesses desta nova era não vêm sozinha; acompanham-na nesse período as mazelas do consumismo, do individualismo, da violência e da competição. Vendem a ilusão, a fama, a dependência do consumo e muitos estão embriagados deste projeto cultural.

5. Religião, Igrejas e paradoxos: Da sociedade Perfeita à desfigurada e sem sentido.

A Igreja Católica forte aliada no processo de libertação não tem um programa ou propostas políticas, sociais e pastorais para esse novo tempo. Perduram as práticas assistencialistas, das devoções, dos sacramentos e da submissão, o que no regime autoritário foi condizente e eficaz para alimentar a resistência, visto que os indonesianos quase nada entendiam das práticas

da religião católica. Alguns ensaios de práticas pastorais que levam em consideração o novo paradigma são veementemente combatidos pelos bispos e padres que estão por longos anos no Timor Leste presos às velhas estruturas e práticas. Como fazer o diálogo com a nova realidade respeitando todo o arcabouço histórico e cultural da Igreja e das populações timorenses? Esse é um grande desafio a ser enfrentado naquelas terras.

Não que a Igreja precise abandonar tais práticas, mas como elaborar um projeto pastoral em que as muitas congregações possam além das missas diárias criar e favorecer novas práticas que ajudem a juventude, os idosos, as crianças no Timor Leste? Como elaborar uma pastoral de conjunto que possa articular tantas ONGs e instituições, que de modo isolado estão prestando alguma assistência através de escolas, hospitais, orfanatos...?

No longo processo de colonização do Timor Leste a mentalidade de Igreja *sociedade perfeita* perdurou e perdura na cabeça do povo simples. Os timorenses não conheciam outras práticas cristãs, ou outra religião como o Islã. Com a invasão indonésiana vieram os muçulmanos e os timorenses tiveram que escolher entre tornarem-se católicos, protestantes ou muçulmanos; houve então conversão em massa para o catolicismo chegando agora a 94% que nos 24 anos de dominação sobreviveu pela devoção aos santos em especial Nossa Senhora do Rosário, de Fátima e o culto aos mortos que através de missas diárias eram celebradas nas casas, grutas espalhadas pela cidade e capelas religiosas.⁶

Por medo dos ditadores e pela proteção que a Igreja Católica dava aos nativos ela conseguiu uma adesão e respeito gigantescos, entretanto uma formação que fosse além da doutrina, *do pode ou no pode*, castigo e pecado, orações e normas, não foi oferecido, o que agora precisa ser revisto, pois o paradigma mudou e os timorenses têm outras alternativas oferecidas quer pelos grupos de protestantes que chegam para evangelizar e pelos muitos estrangeiros que são indiferentes à religião.⁷

Falava-me com tristeza e preocupação um padre que está há mais de 50 anos no Timor: *Eles não querem mais Jesus Crucificado*. Minha leitura é outra: é preciso anunciar o Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, que assumiu a condição humana e por consequência de sua opção e amor ao Reino de Deus foi condenado e crucificado, sua fidelidade e amor ao projeto de Deus O ressuscitou. De crucificações e crucificados o Timor leste está cheio e cansado.

⁶ Cf. D. SOUSA, *Colibere: Um herói Timorense*. Lisboa: Lidel, 2007.

⁷ Cf. P. R. MENDES, *Peregrinação de Emmanuel Jhesus*. Alfrgide: Dom Quixote, 2010.

A necessidade de uma nova configuração de Cristo, razão de nossa fé, vocação e missão, faz-se necessário em caráter de urgência, e a partir dessa configuração, configurar a opção da Igreja, instrumento do Reino de Deus que se constrói na História e se plenificará na eternidade. Do contrário, a Igreja num curto período de tempo se tornará desfigurada e sem sentido para a grande maioria da população pobre e jovem do Timor Leste, que pode agora tomar as rédeas de sua vida e história nas mãos, embora não tenha ainda a maturidade econômica, política, social e religiosa para tal.

6. Esperança e sonho equilibristas: Das montanhas ao Mar, a resistência escondida.

Após esse breve e incipiente relato volto-me às motivações que me levaram ao Timor Leste: Partilhar minha fé, esperança e dons com os timorenses; Aprender, compreender e conviver em sua cultura; Ajudar os confrades nas atividades pastorais junto ao povo timorense;

Elevo meu olhar para as montanhas áridas e para o vasto mar azul do Timor Leste, recorro os caudalosos rios de sangue dos muitos que tomaram na luta pela liberdade e para as centenas que a cada dia lutam pela sobrevivência com tão pouco. E com os olhos fixos n'Ele que se encarnou, foi crucificado e com a esperança equilibrista da ressurreição reafirmo minha opção, mas minha lucidez desperta e questiona semelhante as mulheres na madrugada da ressurreição: *Quem os ajudará a rolar a pedra do túmulo que ainda prende a vida?* E que no Timor são tantas. Como anunciar: *Ele não está mais aqui! Ressuscitou!* em meio a névoa do autoritarismo político e eclesiástico que ofusca e paraliza a fé e a vida? Como anunciar a vida e a esperança vinculadas ainda a realidades de morte?

Do Timor das montanhas vem o alimento que sacia os que estão nas planícies; das montanhas vem a água que fecunda o chão e mata a sede, das montanhas pode-se contemplar o mar e a planície, nas montanhas vivem os espíritos que assombram, mas que também protegem, segundo as práticas animistas. A Igreja precisa subir a montanha, e o caminho é longo, perigoso e penoso, mas lá a *brisa suave* sopra constante. É preciso refazer a Aliança, é preciso desnudar-se e sem véus, desprovido de beleza e esplendor encontrar-se com o Deus da Vida, que entra na História humana.

É o Deus que ouve, vê e desce, e por amor a humanidade ferida assume a libertação em vista da vida plena. Assim a vida segue seu curso.